



Recensioni e resoconti

Recensioni di volumi, resoconti e riflessioni su eventi di particolare interesse – tavole rotonde, seminari, convegni e manifestazioni – riferiti all’America Latina

Recensioni

Gianpaolo Romanato, *Le Riduzioni gesuite del Paraguay. Missione, politica, conflitti*, Morcelliana, Brescia, 2021, pp.416

Surge una nova classe de gente em território sul-americano, o índio missioneiro, um mix de trocas culturais, de estranhamentos e vivências comuns, a partir de uma nova casa, no ambiente arquitetônico das Reduções jesuítas.

Gianpaolo Romanato, professor da Università di Padova (Italia), trabalha em sua obra o centro núcleo gerador missões, o seu centro simbólico e mítico, ainda hoje, que foi as grandes Reduções. Existem muitas informações nos papéis, no mundo virtual, mas sem um mapa para colocar seus conceitos. Precisamos de mapas. A Reduções representam este mapa, onde o autor coloca os manuscritos de seus protagonistas, o pensamento e a liderança de Antonio Ruiz de Montoya e outros que viveram de corpo e alma naquele momento.

A idealização e edificação das Reduções acontece atravessando o mar. O porto espanhol de Cadiz representou a ligação de caminhos, de reconstruções de mapas, o ponto de partida de jesuítas, Cattaneo, Seep, e outros, impregnados de ardor missionário, apóstolos, eles partem para seus destinos. Romanato, pesquisador da Universidade de Padova, embarca nesta viagem do tempo, para nos apresentar com clareza os contextos e os personagens, as mãos que interagiram naquele momento histórico, as mãos que tinham uma visão, que construíram as Reduções, e as mãos que tramaram redes de políticas e guerras para acabar com aquilo que Ludovico Antonio Muratori vislumbrou como um «Cristianismo feliz» (p.6). O historiador Romanato nos apresenta a Redução jesuítica da Paraguai (missão, política e conflitos) em duas partes:

A Primeira parte, *Como os historiadores vêem* (pp.27-230), (pp.27-230), está desenvolvida em cinco capítulos.

No Capítulo Primeiro, *As premissas*, é descrita a articulação dos governos coloniais de Espanha, Portugal e Igreja Católica, chancelado por bulas e decretos que delimitaram as linhas imaginárias de mapas, divisões administrativas para o controle das fronteiras e da gente nativa. Por sua vez identificando nestes novo mapa uma América, portuguesa e espanhola onde se redefine a figura do índio, do negro e suas mestiçagens. O novo mundo é traçado por redes de caminhos reais de comércio entre as Reduções, da Argentina via Panamá, e destas ao mar, até Espanha, pela célebre Ruta del Galón. Entre as linhas imaginárias de Espanha e Portugal na época surgiram as mais variadas interpretações como as de Luís Vaz de Camões, Charles Darwin, Martin Fierro, Gilberto Freyre,



Tommaso Moro, Michel de Montaigne, etc. que descrevem a grandeza das terras, a nova identidade das gentes, a idealização de um mundo utópico, do índio como “bom selvagem”, que, na prática, não era, até mesmo nas senzalas e casas grandes; os índios foram escravizados e profundamente maltratados. No final do capítulo o autor apresenta uma série de mapas ilustrativo e práticos, tratados e caminhos mencionados (pp.47-53).

No Capítulo segundo, *O Início*, é apresentada continuidade e frutos deste progresso colonial, agora mais especificamente na compreensão de um “Perú espanhol”, um “Brasil português” e o “Índio guarani”. Os caminhos se cruzavam, os jesuítas aportavam na Bahia, Salvador e dali seguiam para Peru, via Caminho Real que conduzia ao Panamá, para chegar a Lima (1568). Jesuítas seguiam esta missão, no contexto de um vicariato régio administrado pelos espanhóis (patronato) e portugueses (padroado), uma formada pela Igreja Estado, onde ordenanças, com suas *encomiendas* e Reduções, faziam parte desta estratégia, onde os índios significam para o sistema uma força de trabalho. José de Acosta afirma em seus argumentos que os índios não eram animais, mas homens inferiores (p.58). Esta valorização, em parte, do humano, foi caminho para a introdução das Reduções, que na visão de Manfredi Merluzzi, seria o melhor sistema nacional, para o controle dos índios (p.59). Nesta perspectiva os jesuítas fundam uma Redução em Juli (1576) como sendo a primeira experiência reducional jesuítica. Mas foi no Paraguai, com o jesuíta Diego de Torres Bollo que atuou em Juli, que esta experiência se consolidou (p.69).

O Brasil português é marcado pela vinda de jesuítas em 1549, entre eles Manuel da Nóbrega, intelectual formado em escolas da Europa. Os habitantes do Brasil falavam ainda mais o tupi que o português, considerando uma grande leva de portugueses provindos dos cárceres e poucas mulheres e uma grande quantidade de escravos provindos da África.

Florescem Reduções do lado espanhol e Colégio de Meninos de Jesus são fundados por Nóbrega, que aos poucos foi decaindo, sem o patrocínio de Portugal. Neste mundo surgem duas etnias predominantes, pelo seu número e possibilidade de traduções bilíngues: o guarani e os chiriguano, que por sua vez se adaptaram nas Reduções e colégios, comentados estudos por jesuítas e antropólogos. Se os europeus profetizavam uma *Ilha de Fortuna* os guarani imaginavam uma *Terra sem Mal* que também não existiu, pois somente aconteceria depois da morte, como diz Hélène Clastres (p.76). Entre mundos utópicos, etnias, administração civil e eclesial tem início a Província Jesuíta do Paraguai e suas 30 Reduções, continuamente se ajustando conforme invasão dos Bandeirantes paulistas que viam capturar os índios para serem escravos em São Paulo. No final do capítulo estão distribuídos vários mapas com divisões e itinerários (pp.110-116).

O Capítulo terceiro, *O desenvolvimento*, remonta o tempo da organização urbana e a igreja, causadas de modo particular pelo avanço bandeirante que levou o fim das Reduções de Guaíra, Tape e Itatín, fazendo que os jesuítas e coroa espanhola desenvolvessem a urbanidade das 30 Reduções e sua administração eclesial, ligada a Buenos Aires. Os novos protagonistas foram os arquitetos como Giuseppe Bre(a)ssanelli e Giovanni Battista Primoli, homens matrizes da idealização daquelas construções, que em nosso século, muitas são reconhecidas como patrimônio da humanidade pela



Unesco. Gianpaolo Romanato apresenta ainda o que acontece dentro das Reduções, estruturas e a riqueza de sabedorias adquiridas, como medicina devido às epidemias, astronomia para a localização das Reduções, música, alimentação, militarização dos índios, jogos que os chiquitos da Bolívia também praticavam em suas Reduções. No final do capítulo são apresentadas fotos atuais, construções e arte de pintura de guaranis e chiquitos e mapas de localização (pp.184-195);

No Capítulo quarto, *O fim*, o acadêmico italiano comenta a obra de Lodovico Antonio Muratori, *O cristianismo feliz nas missões dos padres da Companhia de Jesus no Paraguai*, 1743, ao qual enaltece aquelas vivências cristãs das Reduções. Porém, as fontes de Muratori eram muito antigas. A verdade é que as Reduções passavam por grandes dificuldade e com destino incerto. O fato aconteceu em 2 de abril de 1767, quando a Espanha ordenou a retirada dos jesuítas de seu território e depois sua extinção pela via canônica, com a Santa Sé em 1773. Foi o fim. Os bens confiscados pela Espanha, deportações de centenas de jesuítas. No mundo da política colonial espanhola e de Portugal, índios e jesuítas foram maltratados. Com a divisão dos novos mapas, no Rio Grande do Sul restou as ruínas de Sete Povos, onde anteriormente aconteceu a guerra guaraníca, com índios que não queriam entregar as Reduções para os poderes coloniais. No final do capítulo em anexo se encontra o mapa (1801) da divisão territorial (p.217).

No Capítulo quinto, *Um século depois*, é referenciada a figura do médico e antropólogo italiano Paulo Mantegazza (1831-1919) que ao viajar pela América, passando pelo Paraguai, elogiou a formação moral que os índios tiveram com os jesuítas, merecendo por isto, serem valorizados amplamente por obras escritas (p.219). Além disso, continua Romanato, a decadência das Reduções, estâncias e toda sua arte foi sendo aos poucos destruída e roubada, referenciando Colocci (p.223).

No Epílogo, Romanato comenta Pablo Hernández e sua obra *Organización social de las Doctrinas guaraníes* (1913) ao qual vê as Reduções como um “Estado no Estado”, contudo, no contexto do domínio espanhol, que regulava tudo pelo Conselho das Índias e das Ordenanças de Francisco Alfano de 1611. Por isto mesmo, a Redução não era um Estado dentro do Estado, pois não tinha sua autonomia. Mas como entender isto? – se pergunta Romanato.

Ele responde: pelo fato de constante juízo negativo moral e intelectual do clero local, a perigosa corrente econômica que sobre a produção de erva mate, bem como outros produtos coloniais de melhor qualidade que tinha melhor preço do que aquele produzido no local, levando em conta a constatare investida dos inimigos brasileiros (p.227). Nas Reduções os índios eram vistos como “criaturas de Deus” que mereciam mais atenção e tutela. As Reduções se justificavam – continua o autor – para acolher a salvação física dos índios, único lugar seguro, que não foi uma “Ilha Feliz” mas «um lugar de difícil experimento de evangelização e civilização», onde os índios guaranis foram os verdadeiros protagonistas (pp.227-229).

Na Segunda parte, *Como os jesuítas as viam* (pp.231-386), sobre o título de *As Fontes*, Romanato inicia introduzindo o capítulo referenciando as transcrições que fez de documentos escritos por missionários jesuítas que viveram nas Reduções. São documentos enviados das Reduções para parentes, conhecidos e confrades jesuítas na



Europa. Exemplo disso, e primeiro documento, é o tratado (informações) que Muratori recebeu, ao qual, depois, compilou seu estudo *O cristianismo feliz nas missões dos padres da Companhia de Jesus no Paraguai*.

O sétimo documento, mais longo, é aquele que Antonio Sepp escreveu sobre a organização das Reduções. O pesquisador da Univeridade de Padova cataloga todos os textos transcritos iniciando com:

a) Documento 1 - *A travessia do Oceano Atlântico*. O texto transcrito é uma carta de Gaetano Cattaneo ao irmão José, residente em Modena (Buenos Aires, 18 de maio de 1729 (Fonte Muratori, 1752, I, pp. 220-275). Cattaneo descreve sua jornada dizendo que chegou são e salvo no porto de Buenos Aires, depois de longa viagem do porto de Cadiz (1728), passando pelas ilhas Canarias, Tenerife, Montevideo e em fim Buenos Aires (pp.239-267);

b) Documento 2 - *Buenos Aires*. O texto transcrito também é uma carta de Gaetano Cattaneo ao irmão José, agora escrito com data Redução de Santa Maria nas missões do Paraguay, 20 de abril de 1730 (Fonte: Muratori, 1752, I, pp.275-291). Cattaneo diz que ficou dois meses em Buenos Aires preparando-se para estudar em Córdoba e Tucumán onde os jesuítas tinha uma universidade pública (pp.268-279);

c) Documento 3 - *Vida em Buenos Aires*. A carta é de Carlo Gervasoni a um confrade jesuíta residente na Itália, com data Buenos Aires, 9 de junho de 1729 (Fonte: Muratori, 1752, I, pp.119-127). Gervasoni fala sobre a grandeza da cidade de Buenos Aires, a casa do Bispo e do colégio jesuítas, da sua Igreja sempre repleta de gente, dos estudos bilíngues espanhol-guarani. Para o jovem jesuíta a cidade é como qualquer uma das cidades que conheceu na Europa (pp.280-284);

d) Documento 4 - *De Buenos Aires a Córdoba*. A carta é de Carlo Gervasoni ao irmão Angelino, residente a Rimini, com data Córdoba, Tucumán, 3 de agosto de 1729 (Fonte: Muratori, 1752, I, pp.128-139). Gervasoni comenta que ainda não sabe seu novo destino de missão, espera um envio de seu superior. Comenta a viagem que fez de Buenos Aires até Córdoba, um caminho que durou um mês, por uma via quase deserta, plana. Só depois de longo percurso foi possível ver a montanha de Córdoba, uma extensão da Cordilheira do Chile (pp.285-292);

e) Documento 5 - *Córdoba: "um país miserável"*. A carta de José Clausner a um correspondente desconhecido, residente em Monaco da Baviera, com data Córdoba, 19 de março de 1719 (Fonte: Muratori, 1752, II, pp.128-139). Clausner comenta sobre a peste (varíola) que causou grande estrago. A peste havia chegado por um navio inglês provindo da África com mais de 700 escravos, e muitos destes morreram em Córdoba (pp.293-296);

f) Documento 6 - *De Buenos Aires a Redução do Paraguay*. Carta de Gaetano Cattaneo ao irmão José, residente em Modena, com data Redução de Santa Maria, 5 de abril de 1730 (Fonte: Muratori, 1752, I, pp.291-223). Cattaneo fala sobre sua viagem de Buenos Ayres até as missões e do tipo de gente que ali vive, jesuítas e índios de varias nações: «Bobanes, martidanes, machados, jaros e chaduas, (...) charúas, guenoas» (pp.297-318);

g) Documento 7 - *As Reduções*. Seleção dos passos mais significativos da relação que Antonio Sepp, residente na Alemanha, endereça ao irmão José, residente em Modena, com data Redução de Santa Maria, 5 de abril de 1730 (Fonte: Sepp, 1971, 1973, 1974). Sepp descreve como é a vida dos padres. Cada Redução é administrada por



dois padres com irmãos jesuítas, pois são poucos padres, tem uma praça grande onde acontecem espetáculos públicos. Com alegria Sepp descreve a redução que fundou com o nome de São João Batista (1697), onde dois anos depois foi encontrada a pedra Itacurú, que proporcionou a fundição do ferro (pp.319 -386). Cada carta merece ser lida com atenção para sentir de perto a aventura da partida e da chegada de viagens históricas, de como era a vida nas missões e os sentimentos dos jesuítas protagonistas de seu tempo.

Ao concluir seu livro, Gianpaolo Romanato apresenta uma vasta bibliografia de autores muito importantes sobre o tema das Reduções. Uma bibliografia rica em conteúdo em espanhol, português, inglês e italiano. Ao final do trabalho, ao comentar a bibliografia, ele observa como a produção científica sobre Reduções é bastante difundida em espanhol e português com continuidade de estudos bem desenvolvidos na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijui). Aponta bons autores em italiano como Alberto Armani (1977) e em castelhano como Pablo Hernández (1913) e Ernesto Maeder (2013). Por fim, ele lembra entre as fontes importantes para sua pesquisa, a revista *IHS. Antigos Jesuítas en Iberoamerica*, o *Diccionario histórico da Companhia de Jesus* do Institutum Historicum S.J. e da Universidad Pontificia Comillas de Roma-Madrid (2001), o *Monumenta Peruana* (1565-1604), o *Monumenta Mexicana* (1570-1605) e o *Monumenta Brasiliae* (1534-1570) que podem ser encontrados na versão online no site Arquivo Romano da Companhia de Jesus em Roma (pp.387-415).

A obra do acadêmico italiano Romanato, *As Reduções Jesuíticas do Paraguai. Missão, política, conflitos*, é referência, não só para Itália, ao passo que se anela o ciclo de escritores em língua italiana que tratam sobre o tema das Reduções da Província Jesuítica do Paraguai. As Reduções forjaram um grande legado, perpassando por gerações; mesmo com sua extinção contribuíram para a formação da identidade e personalidade étnico-cultural dos países sul-americanos. Ainda continua latente. Hoje encontramos antigas paredes de Reduções nas matas brasileiras do Rio Grande do Sul. A obra de Gianpaolo Romanato representa a manutenção desta continuidade, que tem suas raízes mais profundas, a visão crítica da história, com mapas e cartas autênticas de jesuítas que atravessaram o mar para viver nas Reduções.

Edison Hüttner
Pontificia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

